

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

ISSN 0102-5767

Cadernos de
ESTUDOS
LINGÜÍSTICOS
54(1)

Organizado por

Ester Mirian Scarpa
Rosana C. Novaes Pinto

Cad. Est. Ling.

Campinas

nº 54(1)

p. 001-182

Jan./Jun. 2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor: FERNANDO FERREIRA COSTA

Vice-Reitor: EDGAR SALVADOR DE DECCA

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Diretora: MATILDE VIRGÍNIA RICARDI SCARAMUCCI

Diretor-Associado: FLÁVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA

SETOR DE PUBLICAÇÕES

Coordenadora: MÔNICA GRACIELA ZOPPI-FONTANA

Equipe Editorial (SP-IEL)

ESMERALDO SANTOS / NIVALDO ALVES / JOÃO DUEK

Capa-Projeto: JOÃO DUEK

Layout e Arte Final: E. SANTOS / N. ALVES / J. DUEK

Cadernos de Estudos Lingüísticos. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem – Campinas, SP, nº 1 (ago. 1978–)
Publicação Semestral
ISSN 0102-5767

1. Lingüística – Periódicos. I. Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem

CDD 410.05

Indexada em / Indexed in:

LLBA (Linguistics and Language Behaviour Abstracts), Linguistics and Language Behaviour Abstracts Database, no MLA (Modern Language Association) Directory of Periodicals e International Bibliography, no CSA-Sociological Abstracts, no ULRICH'S International Periodicals Directory, Linguistic Bibliography/Bibliographie Linguistique

Apoio:



Ministério
da Educação

Ministério da
Ciência e Tecnologia



QUALIS A1

Revista *Cadernos de Estudos Lingüísticos*

Setor de Publicações - IEL/UNICAMP

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571 - Caixa Postal 6045

13083-859 - Campinas - SP - BRASIL

Fone/Fax.: (19) 35211528 - e-mail: spublic@iel.unicamp.br - www.iel.unicamp.br

PEDE-SE PERMUTA

SUMÁRIO

Apresentação

ESTER M. SCARPA e ROSANA C. NOVAES PINTO Contribuições para o Estudo da (dis)fluência.....	05
---	----

ARTIGOS

SANDRA MERLO e PLÍNIO ALMEIDA BARBOSA Séries Temporais de Pausas e de Hesitações na Fala Espontânea.....	11
ESTER M. SCARPA e FLAVIANE FERNANDES-SVARTSMAN A Estrutura Prosódica das Disfluências em Português Brasileiro.....	25
JULYANA CHAVES NASCIMENTO Uma Visão Enunciativo-Discursiva da Hesitação.....	41
MARIANNE CAVALCANTE e LAVÍNIA BRANDÃO Gesticulação e Fluência: Contribuições para a Aquisição de Linguagem.....	55
MARIA FRANCISCA LIER-DEVITTO e SUZANA CARIELO DA FONSECA Hesitações e Pausas como Ocorrências Articuladas ao Movimento de Reformulação.....	67
LOURENÇO CHACON e CRISTYANE DE CAMARGO SAMPAIO VILLEGA Hesitações na fala Infantil: Índícios da Complexidade da Língua.....	81
JANAISA MARTINS VISCARDI Repetições Hesitativas em fala Afásica e não-Afásica.....	97

ROSANA DO CARMO NOVAES PINTO	
O Conceito de Fluência nos Estudos das Afásias.....	117
MARIA IRMA HADLER COUDRY e SONIA SELLIN BORDIN	
Afasia e Infância: Registro do (In)Esquecível.....	135
CÉLIA CARNEIRO e ESTER SCARPA	
Singularidade nas Manifestações de falas Gagas.....	155
SANDRA MERLO e PLINIO ALMEIDA BARBOSA	
Análise Acústica da fala Suavizada: Estudo de caso em Gagueira.....	167

CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DA (DIS)FLUÊNCIA

Os artigos deste volume organizam-se em torno da (dis)fluência. O tema é atraente porque, se, por um lado, verifica-se ainda a insuficiência de reflexão a respeito, por outro, parecer haver manifestações, na literatura, de interesse crescente nas definições, considerações e abordagens sobre ele. Tal interesse tem sido acompanhado do igualmente crescente reconhecimento de que os limites entre fluência e disfluência são fluidos. Assim, pode-se dizer que um dos pontos de vista sobre a dicotomia fluência/ disfluência que salta aos olhos hoje em dia é justamente o fato de que essa é uma falsa dicotomia. Encontram-se fortes argumentos, em trabalhos recentes, de que certos traços tradicionalmente considerados como marcas de disfluência (e mesmo patologia, como a pausa) não só não são a contraparte desviante, marginal, descartável, excessiva, errônea, imperfeita da fluência, como também existem para garantir o fluir da fala (cf. a recentemente defendida tese de doutorado de Sandra Merlo¹). Como já mostrava Scarpa (1995), essa divisão, que apela para a pouca produtiva cisão entre uso e conhecimento, tem tendido a ser relativizada ou mesmo completamente abandonada. Mais ainda: como Novaes-Pinto demonstra (ver artigo neste volume), não se pode apelar para tal cisão (uso/conhecimento; fluência/ disfluência) nem ao menos para justificar a classificação, corrente na literatura médica e paramédica, da fala afásica como fluente ou não-fluente.

A postura sobre o tema, acima delineada, pode ser vista em todos os artigos deste volume e é o traço comum entre eles. Somada à relativa escassez de trabalhos sobre a (dis)fluência, foi esta a nossa motivação para a sua preparação e organização.

Apesar de ter esse traço em comum, é fato que o tema tem sido visto sob várias facetas. Foram arrematados autores que pudessem focar a questão do ponto de vista de suas áreas e fazer aflorar essas várias facetas. Muito embora a semelhança entre eles não cesse na eleição e no entendimento de base do tema, o que o leitor vai encontrar aqui é a diversidade de abordagem teóricas e metodológicas: o volume é propositalmente heterogêneo. Foi privilegiada a multiplicidade não só teórico-metodológica, mas também a diversidade de recortes do fenômeno, que vai, aqui, desde as considerações da ordem do funcionamento linguístico na chamada “normalidade”, com o aprofundamento de indagações sobre a natureza linguística (aí incluída sua natureza linguístico-discursiva) das

¹ Merlo (2012). *Dinâmica temporal de pausas fluentes e hesitações na fala semi-espontânea*, tese de doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

manifestações de (dis)fluência, passando por considerações sobre aquisição da linguagem, bem como pelos limites tênues entre patologia e normalidade, com trabalhos que abarcam a afasia e culminando com questões relativas à contraparte tradicionalmente eleita como desviante do ideal da fluência – a fala gaga.

Trabalhos de Fonética Acústica e de Fonologia Entoacional e Prosódica abrem este volume. O primeiro deles, de cunho experimental e quantitativo – “Séries temporais de pausas e de hesitações na fala espontânea” – de autoria de Sandra Merlo e Plínio Barbosa, investiga a dinâmica de longo prazo de pausas e hesitações na fala espontânea e demonstra que pausas e hesitações ocorrem de forma estacionária do início ao fim dos textos falados, isto é, pausas e hesitações se distribuem de forma cíclica e periódica ao longo do tempo; não tendem a ocorrer aleatoriamente e atuam em conjunto para a manutenção da fluência. Longe de serem marginais, os ciclos de pausas e hesitações são manifestações robustas e estáveis durante a produção falada.

A tendência à distribuição das ocorrências de repetições hesitativas e alongamentos vocálicos não-enfáticos no interior dos domínios prosódicos do enunciado, à luz da Fonologia Prosódica e da Fonologia Entoacional, num trecho de fala espontâneo, é o objetivo do artigo “A estrutura prosódica das disfluências em português brasileiro”, de autoria de Ester Scarpa e Flaviane Fernandes-Svartsman. A análise prosódica mostra que as marcas hesitativas não ocorrem aleatoriamente do ponto de vista prosódico. Entre outras conclusões, temos que as marcas hesitativas se dão com maior frequência com clíticos prosódicos e não ocorrem nunca no acento nuclear, isto é, na cabeça da frase fonológica ou frase entoacional e, quando a repetição hesitativa não envolve o clítico prosódico, mas a palavra fonológica, esta é sempre não-cabeça de frase fonológica e não-cabeça de frase entoacional. Deste modo, tendem a aparecer mais no início dos domínios prosódicos do que nas sílabas do fim das unidades rítmicas e entoacionais. Mais uma vez se nota que, longe de serem errôneas ou excessivas, ou mesmo de estarem “fora da língua”, se as marcas hesitativas são inesperadas do ponto de vista da emissão do enunciado, por outro lado, quando ocorrem, tendem a ocupar certos lugares prosódicos.

“Uma visão enunciativo-discursiva da hesitação”, de Julyana Chaves Nascimento, vem em seguida. A autora revisita o conceito de hesitação, de vários pontos de vista. Parte de uma concepção textual-interativa, segundo a qual as marcas de hesitação são consideradas como fenômenos característicos da atividade interacional/conversacional, e avança para conceitos baseados na Análise do Discurso (hesitações vinculadas a heterogeneidades constitutivas ou mostradas do discurso) e no dialogismo bakhtiniano (a hesitação vista como um acontecimento discursivo cujas marcas são indícios do processo de constituição do discurso e do próprio sujeito), além de conceitos lacanianos. A representação da hesitação no discurso constitui indício de tensões e de conflitos que caracterizam o processo de produção do discurso, ou, em outras palavras, indício de deriva e de ancoragem.

Mariane Cavalcante e Lavínia Brandão, em “Gesticulação e fluência: contribuições para a aquisição da linguagem”, partem do pressuposto da existência

da multimodalidade da fala, em que gesto e fala formam uma matriz, e se colocam contrárias à escolha epistemológica de privilegiar estritamente a produção verbal como a única instância de realização do processo aquisicional. Gestos infantis, ao invés de pré-linguísticos, como deseja parte da literatura, são de fato co-partícipes do processo de aquisição da linguagem. Mostram, assim, que a emergência de marcas de disfluência na fala de crianças por volta dos dois anos de idade são melhor explicadas quando inseridas numa ontogênese de gesticulação.

Com uma visada interacionista, aquela inspirada nos trabalhos de Cláudia de Lemos, seguindo reflexões de Lacan e Milner, e trazendo dados tanto aquisicionais quanto de fala afásica, “Hesitações e pausas como ocorrências articuladas ao movimento de reformulação”, artigo cuja autoria é de Maria Francisca Lier-de Vitto e Suzana Carielo da Fonseca, parte do princípio de que não há coincidência da fala da criança com a fala do outro e com a língua, o que afasta a ideia de interação enquanto intersubjetividade. Assim, as ocorrências de hesitação são índices da não coincidência do falante com sua própria fala, ou seja, as escansões enunciativas são frestas ou fendas impregnadas de carga subjetiva, mas não cognitiva.

Um último trabalho em aquisição de linguagem, de autoria de Lourenço Chacon Jurado Filho e Chrystiane Villega, intitulado “Hesitações na fala infantil: indícios da complexidade da língua”, busca identificar características do funcionamento das hesitações na produção oral de 26 crianças entre 5-6 anos de idade, com desenvolvimento típico de linguagem. Os autores analisam dados extraídos de gravações (individuais) de uma narrativa estruturada como “parlenda”, sendo a identificação dos pontos de hesitação feita por cinco juízes, que observaram as seguintes marcas: pausas silenciosas, repetições hesitativas, interrupções e alongamentos hesitativos. Os resultados foram analisados quantitativa e qualitativamente e, segundo os autores, reforçam a ideia de que as hesitações exibem pontos em que o sujeito negocia com os outros constitutivos de (seu) discurso, ao revelar ajustes mais complexos da língua.

O trabalho seguinte, de Janaína Viscardi, “Repetições hesitativas em fala afásica e não-afásica”, como o próprio título revela, busca refutar a fronteira traçada entre o normal e o patológico com relação a essa marca de (dis)fluência. O artigo analisa os parâmetros prosódicos que permeiam a atividade da repetição hesitativa na produção de frases nominais e preposicionais, em contexto de fala afásica e não-afásica, apontando para semelhanças e diferenças entre elas. Além de identificar a maior ou menor relevância de determinados recursos linguísticos em ambientes específicos de produção, como no caso das repetições hesitativas, Viscardi busca compreender como os sujeitos afásicos lançam mão de recursos prosódicos para manterem-se atuantes na interação, o que liga este trabalho ao próximo, de Novaes-Pinto, no qual a autora também tenta mostrar que a análise da (dis)fluência, no campo das afasias, não pode ser apartada de outras dificuldades dos sujeitos, bem como de suas competências pragmáticas e discursivas.

“O conceito de fluência nas afasias”, de Rosana do Carmo Novaes-Pinto, discute como tal conceito vem sendo mobilizado nos estudos das afasias, tanto na literatura neuropsicológica tradicional – que correlaciona diretamente fluência e

sua contraparte negativa, a *disfluência*, aos aspectos topográficos das lesões e aos seus efeitos causais e como o tema tem sido abordado nos estudos desenvolvidos na perspectiva enunciativo-discursiva, que incorpora a relação do sujeito com a língua(gem) e, ainda mais particularmente, com a sua própria afasia. A reflexão sobre essas questões demanda não só uma revisão crítica da semiologia das afasias, uma vez que esta é geralmente marcada por relações dicotômicas que privilegiam os aspectos biológicos do funcionamento cerebral, mas também um posicionamento diferenciado por parte daquele que interage com o afásico, seja como terapeuta profissional ou não. A autora chama a atenção para o fato de que a discussão teórica acerca de conceitos recorrentes na literatura, como o de *fluência*, tem também implicações relevantes para o acompanhamento terapêutico de sujeitos afásicos.

Outro artigo que focaliza a afasia, com o título “Afasia e Infância: registro do (in)esquecível”, de autoria de Maria Irma Hadler Coudry e Sonia Sellin Bordin, aproxima este estado de dissolução da linguagem à entrada da criança no mundo das letras. Segundo as autoras, no primeiro caso (as afasias), pode-se vislumbrar a barreira para experienciar, de novo, a língua em uso (Saussure, 1916/1977) e, no segundo (na infância), uma barreira para aprender a ler e a escrever. O caminho percorrido retoma a proposta do *Diário de Narciso*, de Coudry (1986/1988) de aproximar a linguagem na afasia de processos dialógicos na aquisição de linguagem, ampliando esse encontro com a teorização atual da Neurolinguística Discursiva. Retomando as palavras das autoras, o texto “se ocupa da história do homem que fala a outros homens que falam (Benveniste, 1966/1995) - e quem vem a não falar -, e rompe radicalmente com a relação estática e biologizante que separa o normal do patológico”.

Os dois últimos trabalhos, como já mencionado no início desta apresentação, discutem questões relativas à fala gaga, tradicionalmente referida como a mais desviante do ideal da fluência, uma fala que soa *estranha* e que incomoda tanto ao falante como ao seu interlocutor (Carneiro e Scarpa).

O artigo de Célia Carneiro e Ester Scarpa, com o título “Singularidade nas manifestações de fala gagas” começa justamente com a afirmação das autoras de que a singularidade é geralmente desconsiderada frente à demanda pelo diagnóstico clínico. Carneiro & Scarpa descrevem e analisam episódios de dois sujeitos gagos, em situações de conversa espontânea, que revelam a heterogeneidade e imprevisibilidade dos sinais linguísticos presentes em uma fala gaga, como repetições, bloqueios, sons como implosiva dental e clique bilabial, que afetam o contínuo/descontínuo e potencialmente abalam as estruturas métricas da língua. Nas palavras das autoras, “da heterogeneidade, depreende-se a singularidade dos sinais linguísticos que caracterizam essa gagueira e, da imprevisibilidade, descarta-se qualquer possibilidade de controle” e também defendem que essas premissas devem estar na base do trabalho de compreensão da gagueira e do início de um diagnóstico em clínica. Concluem que há semelhanças nas falas analisadas – quanto à presença de sons estranhos ao sistema fonológico da língua, de unidades repetidas, prolongadas, pausas que se inserem em lugares inesperados, e, sobretudo, à coocorrência de episódios gaguejantes e não gaguejantes no

mesmo acontecimento de fala – à heterogeneidade e imprevisibilidade dos sinais linguísticos, que dizem da relação não estável do sujeito com a própria língua.

Para finalizar, contamos com um segundo artigo de Sandra Merlo e Plínio Barbosa, que tem como título “Análise acústica da fala suavizada: estudo de caso em gagueira”. Além do mérito acadêmico sobre as reflexões sobre a gagueira, o artigo faz ressaltar os elementos prosódicos que envolvem a comparação entre a fala com e sem suavização, trazendo contribuição ao estudo acústico dos traços de disfluência. O artigo sintetiza uma pesquisa experimental – um estudo de caso – que comparou diversos parâmetros acústicos da fala suavizada em relação à fala habitual. Dentre os resultados, observou-se que a frequência da gagueira diminuiu com a fala suavizada, mas os autores apontam a necessidade de se atentar para as modificações prosódicas ao se fazer uso da suavização, tendo em vista que elas podem afetar a inteligibilidade da fala.

Não poderíamos fechar este volume sem agradecer aos nossos colaboradores – autores e pareceristas – que sempre atenderam prontamente às nossas solicitações e cumpriram os prazos a fim de que pudéssemos disponibilizar este conjunto de reflexões que, certamente, muito deverão contribuir para o estudo da (dis)fluência.

Campinas, abril de 2012.

Ester Mirian Scarpa e Rosana Novaes Pinto.

